

# MOSAICO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Sempre achei muito engraçadas as entrevistas que certos personagens importantes concedem à imprensa. O entrevistador formula uma pergunta muito séria, muito profunda, e o entrevistado dá sua resposta ainda mais séria e mais profunda. Mas se prestarmos alguma atenção ao sentido e ao conteúdo das frases, se não nos deixarmos levar pelo tom grosso da música da seriedade e da profundidade, descobriremos que o entrevistado não disse nada, rigorosamente nada. Ninguém ignora que o homem político, ao menos o da raça que predomina, tem a arte de fazer discursos sem dizer coisa alguma. Sua locução podia, com vantagem, ser substituída por modulações de um trombone de vara, como nas Luzes da Cidade de Carlito. Mas o que me espanta agora é a seriedade com que os jornalistas entram no jogo, e dão destaque e manchete ao vacuo do linguajar evasivo dos homens que se calam falar.

Estou pensando no recente almoço do PSD e nas declarações que o embaixador Amaral Peixoto fez aos jornalistas. O vespertino que tenho diante dos olhos, anuncia em letras gordas "amplas declarações de Lossó ao Exador nos Estados Unidos sobre a reunião de ontem". Li as três colunas e fiquei na mesma. Para exemplificar, destaque o que disse o "nosso embaixador" quando o jornalista o interrogou sobre o reatamento de relações com a Rússia: "Não cogitamos do assunto. Apenas, falando de modo geral, achamos necessário que o PSD reveja a sua posição doutrinária diante de fatos novos que vão surgindo a cada momento. Não se tratou, porém, do caso concreto de restabelecimento de relações com este ou aquele país".

A julgar por est. e outras respostas análogas, nós deveríamos acreditar que no almoço pessedita falou-se mais de generalidades do que de particulares. E cuidou-se de rever a posição doutrinária do Partido. Eu não sabia que o PSD tinha uma posição doutrinária, e estou ardendo de curiosidade para conhecer os princípios e normas de sua doutrina. Foi pena que o jornalista não tivesse aceitado a imprevista colocação do problema, e não tivesse perguntado ao ilustre embaixador qual era a doutrina, e quais eram seus princípios. A gente deve ter sempre a disposição de acreditar no que as pessoas dizem, mormente quando falam em tom profundo e sério; mas, francamente, não me parece fácil admitir uma reunião de próceres do PSD, sobretudo sob a forma de almoço, em que os membros dessa caracterizada agremiação poli-

tica tenham discutido problemas filosóficos. Pode o leitor imaginar o sr. Alkmin discutindo doutrina com o sr. Moisés Lupion? Pode imaginar o sr. Bias Fortes lembrando ao ouvido do sr. Benedito Valadares uma questão de princípios, ou alguma finura de doutrina? Francamente, com todo o respeito que eu possa ter por nosso embaixador, não consigo acreditar nesse clima de generalidades e de doutrinação. E acho que, na próxima vez, o jornalista deve perguntar ao sr. Amaral Peixoto qual foi o conteúdo do almoço. Assim terá uma resposta positiva de dados concretos, e assim, penso eu, ficará mais resguardada a dignidade da imprensa.

x X x

Por falar em dignidade, estou pensando na fotografia que vi da cabine do reator atômico que foi instalado em São Paulo, onde aparecem o sr. Jânio Quadros e o sr. Juscelino Kubitschek, no momento em que este último acionava a chave que vinha lançar o Brasil na era atômica, como lá dizia o redator da reportagem. E' também muito engraçada, talvez até mais engraçada do que a entrevista do sr. Amaral Peixoto. Tenho a impressão que o sr. Jânio Quadros, olhando o quadro de controle, e rememorando o que já ouviu dizer da energia nuclear, estava um pouco apreensivo com a jovial imprudência de seu companheiro que se apressava para fechar o tal comutador. "Será que isto vai dar certo?". Em compensação o sr. Juscelino estava absolutamente seguro de si; tão seguro que até dava a impressão de que fora ele que construiu o reator, que descobrira as propriedades do Urânio, e que, pessoalmente, por seu intrínseco dinamismo, dera ao Brasil a oportunidade de ingressar na era atômica.

Festejou-se o sesquicentenário da abertura dos portos brasileiros. Eu acho esquisita a idéia de festejar frações impróprias dos centenários. Se a moda pega, teremos de festejar os sete quintos da independência, os vinte onze avos da descoberta do Brasil, e outras datas de igual impropriedade fracionária. Mas enfim, sendo a da abertura de alguma coisa neste país de constrangimentos, estou com os festejos que compareceram no Solar das Laranjeiras. Viva a abertura dos portos! Houve bonitos discursos e Dom João VI foi muito elogiado por seu espírito liberal.

Estou agora esperando o dia em que vão festejar o sesquianiversário do fechamento do ensino no Brasil. Abriram-se os portos em 1808, mas fecharam-se as portas do ensino livre em mil novecentos e

trinta e um, e puseram-lhe trancas anos mais tarde, quando era ditador Getúlio Vargas e ministro da educação Gustavo Capanema. aguardo também as solenidades do fechamento do rádio e da televisão. E viva D. João VII!

x X x

Mas nem tudo vai mal, por aqui e pelo mundo. A queda do ditador Jimenez e o atropelo em que ficou seu hóspede argentino, o descamisado, nos trouxeram brisas frescas do norte. Sempre é menos um. A América do Sul, como alguém observou, ficou melhor, menos sul americana. E o mundo inteiro lucra quando cai um ditador. E se o mundo inteiro lucra — e nós acreditamos piamente na natural e na sobrenatural solidariedade humana — algum proveito há de sobrar para nós, que estamos tão precisados. Diz o jornal que Jimenez, na fuga, abandonou a própria mãe, por onde se vê, a julgar pelo destaque da notícia, que esse ingenho jornalista imaginava um quadro comovente em que Jimenez se imolava por dever de piedade filial. A mim não me espanta que uma pessoa, depois de haver maltratado e insultado com atos governamentais as mães dos outros, se esqueça da própria.

Mas deixemos as mães. E voltamos às notícias alvissareiras. Para equilibrar aquela de nosso embaixador nos Estados Unidos, tivemos notícias das vaias que recebeu em Belo Horizonte o nosso embaixador na Inglaterra. E' pouco, mas é melhor do que nada. Aqui no Rio há falta d'água e descobriram-se humildes manobreiros que se valiam de seus postos, de sua alavanca, não para levantar o mundo mas para levantar seu padrão de vida. Os pobres manobreiros ouviram falar que o cargo, quando alguém o alcança, confere poder e privilégios. Aprendeu que os poderosos usam seus cargos como se aquilo fosse propriedade deles. Foi informado de que os parlamentares fizeram uma lei para ter automóvel de graça; que alguns militares usaram o material bélico para castigar seus desafetos; e que a Presidência da Republica distribuiu cartórios pelos rapazes que noivam na família. Pensou o pobre manobreiro que podia fazer o mesmo, sem lembrar que nestas coisas, como na economia e na física, há a questão da escala. Foi castigado. E pode dizer como amões: Fui mau, mas fui castigado... que assim, só para mim, anda o mundo concertado. Em compensação, li a notícia de um chofer de praça que correu a-filto à redação de um jornal para devolver uma máquina de filmar esquecida por um passageiro. Já se vê que nem tudo vai mal. Além disso, o calor abrandou.